

Balanço de pagamentos preocupa

— É o ano mais duro de que tenho lembrança.

O desabafo do diretor da Cacex, Benedito Moreira, na terça-feira passada, é justificado. O esperado superávit comercial de três bilhões de dólares está ameaçado com uma brutal queda das exportações, que só deverão repetir os 23 bilhões de dólares do ano passado se o Governo isentar os exportadores de impostos, para compensá-los da perda do crédito-prêmio. No início do ano, a previsão para as exportações era de 28 bilhões de dólares.

Até agora, as importações só não cresceram mais porque a recessão industrial continua, lembra um economista da UERJ. O Governo está agora entre a cruz e a espada: para vencer no front da inflação, deveria importar alguns produtos cujos preços estão mais favoráveis no mercado externo. Com a precária situação da balança comercial, no entanto, as importações deverão ser ainda mais limitadas, o que ameaça a recuperação da atividade econômica.

O desempenho das exportações no primeiro semestre foi inferior às projeções mais pessimistas. O principal fator foi o progressivo fechamento de mercados tradicionais — recessão nos EUA e na Europa — e também dos recém-conquistados, como Chile, Nigéria, Argentina, às voltas com problemas de balanço de pagamentos. Além disto, as altas taxas de juros norte-americanas deprimiram as cotações das principais matérias-primas, e a valorização do dó-

lar faz com que o Brasil perca competitividade para outros concorrentes.

O fechamento do balanço de pagamentos também está sendo dificultado pela entrada de recursos externos abaixo do previsto. Em maio, o país captou pouco mais de 1 bilhão de dólares em moedas estrangeiras, metade do que obteve em abril. Até maio, já entraram 8,8 bilhões de dólares, e o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, diz que a meta de 13,8 bilhões de dólares para este ano já está garantida. Mas o professor Paulo Nogueira Batista Jr., da PUC, estima que o volume necessário de empréstimos em moeda será de perto de 17 bilhões de dólares. E, se não houver superávit comercial, a necessidade de dólares aumentará.

A captação de recursos externos foi dificultada este ano pelas crises políticas, como a da Polônia e o conflito entre a Argentina e Inglaterra, o que retraiu a comunidade financeira internacional. Além disto, as taxas de juros norte-americanas continuam em elevação, encarecendo ainda mais a conta do pagamento dos juros da dívida externa. Segundo o estudo de Paulo Nogueira Batista Jr., o Brasil usará este ano 90% dos empréstimos obtidos este ano apenas para pagar juros e amortização da dívida.

Se o Brasil não revelar um melhor desempenho da economia ao mercado financeiro internacional, os banqueiros internacionais poderão ficar ainda mais retraídos em conceder novos créditos.

O fraco desempenho das exportações

Variação em 12 meses (%)

